

Microconto e pandemia



Por **DANIEL BRAZIL***

Comentário sobre a proliferação de mini contistas nas redes sociais

A invenção da história curta, ao contrário do que alguns pensam, é milenar. As fábulas da antiguidade, as piadas de todos os povos e culturas, os *limericks*, os pequenos “causos”, todos são herdeiros de uma tradição ancestral, oral, onde uma história é contada rapidamente, podendo ou não conter um fundo moral, satírico ou meramente descritivo.

Vários escritores exercitaram seu poder de síntese criando micro contos de uma ou duas linhas. Um exemplo famoso é o do escritor hondurenho (radicado na Guatemala) Augusto Monterroso (1921/2003): “Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá”. Especialista em minicontos e aforismas, Monterroso procurava criar um clima e sugerir uma situação, contando com a imaginação do leitor. Sempre lembrado é o exemplo de Hemingway (1899/1961), que sendo autor de romances caudalosos, escreveu (ou relatou uma placa numa janela, segundo ele) um drama mais curto ainda: “À venda: sapatos de bebê, nunca usados”.

Os americanos chamam isso de *flash fiction*. Como em todo gênero – ou subgênero –, há poucos criadores, alguns mestres e muitos diluidores. Um processo semelhante ao que ocorre com o *haiku*, ou *haikai*. É impressionante a quantidade de pessoas que acham que enfileirar palavras em três linhas é um *haiku*. Assim como uma piada, um caso cotidiano ou um comentário sobre banalidades não é um miniconto, nem sequer uma microcrônica.

Aí entra o X do problema, o “mistério” da literatura. Um indivíduo dotado de certo espírito poderia até emitir frases parecidas com as de Monterroso ou Hemingway, mas só isso não basta para caracterizá-lo como escritor, criador ou gênio. É como um sujeito acertar um ovo frito no ponto e se julgar um cozinheiro, ou fazer um belo rabisco e pensar que é um artista plástico. Todos têm direito de fazer belos rabiscos de vez em quando, ou até mesmo de criar uma boa frase. Ou pelo menos o direito de tentar.

O miniconto, como acabou sendo definido no Brasil, também não é invenção da internet, embora tenha encontrado aqui terreno propício para se multiplicar. Escritores como Dalton Trevisan já experimentavam a forma na década de 1980. O paranaense lançou um volume de micro contos, *Ah, É?* em 1994. Em revistas e jornais, muitos escritores exercitaram o econômico formato, muitas vezes forçados pelo espaço exíguo.

O sempre ligado Marcelino Freire desafiou cem escritores a escrever obras com no máximo 50 letras. O resultado foi o volume *Os cem menores contos do século*, publicado em 2004. Nomes consagrados toparam o desafio, mas a peneira se repete: há muito cascalho pra pouco diamante.

A internet abriga vários sites e blogs dedicados ao micro gênero. Reverberam o velho McLuhan, que antecipou essa relação entre forma e conteúdo na sua famosa fórmula “o meio é a mensagem”. A urgência da informação, a velocidade da leitura, a inadequação de textos longos à tela do celular, a vertiginosa espiral de informação que se acelera com a evolução da tecnologia, tudo isso proporciona um terreno fértil para a germinação desse capim literário. Não são árvores, e nem pretendem ser, mas cumprem função essencial no ecossistema literário do século XXI.

Histórias curtas e bem contadas não precisam ser tão radicais a ponto de serem resumidas em uma linha. Minicontos de meia página, de uma ou duas laudas, ampliam as possibilidades do “golpe certo”, como dizia Cortázar. Aliás, ele próprio um cultor da forma curta, com seus cronópios, famas e esperanças.

Curiosamente, a pandemia provocou uma proliferação de mini contistas na rede. Digo “curiosamente” porque era de se supor que o recesso obrigatório motivasse as pessoas a escreverem coisas mais longas, trabalhadas, reflexivas. Não que tamanho seja documento, em literatura. Sabemos que um romance de 400 páginas pode ter a profundidade de uma poça d’água, e um verso ser mais profundo que um poço artesiano. Apesar disso, era razoável imaginar que o período de clausura permitisse mergulhos mais amplos e profundos no exercício literário. Creio até que isso ocorreu, em alguns casos.

Porém, muita gente que se contentava em contar casos no bar, no pátio da escola ou no churrasco da turma passou a “se exprimir”, digamos assim, na *www*. Estão confinados, mas através das brechas permanentes e onipresentes da internet destilam sua “criatividade” em poucas linhas, possíveis de serem lidas no ônibus, no trem, na sala de espera do consultório, ou até entre um comercial e outro da TV.

Os que chegarem ao final do século XXI poderão apreciar melhor o que resultou desse processo. Como envolvido no enredo, e movido por curiosidade permanente, dediquei algum tempo a acompanhar a produção dos cultores dos pequenos formatos. Há boas pepitas, como a obra de Sonia Nabarrete, escritora de perfil nelsonrodrigueano (mas feminista!), que aborda os relacionamentos durante a pandemia com um viés erótico e satírico. Publicados em 2021 pela editora Feminas em dois pequenos volumes (*Enquanto a gente estava entre parênteses...* e *O mundo parou, mas a gente não desceu*) seus minicontos delineiam uma série de comportamentos confinados, formando um mosaico de taras, desejos e frustrações, com pitadas de crítica social e política.

Hoje, quando pesquisamos o cotidiano do início do século XX, apontamos a lupa para cronistas como João do Rio, Machado de Assis, Lima Barreto e alguns outros. Daqui a cem anos, se ainda houver vida e cultura como definimos hoje, provavelmente os cientistas/computadores estarão pesquisando vídeos, fotos e posts sobre essa fase terrível causada pelo Covid-19 e suas mutações, algo equivalente à Primeira Guerra Mundial no século anterior.

Se sobrar algum espaço para a literatura, haverá relatos substanciosos e uma miríade de micro ou minicontos ou crônicas virtuais. Certamente Sonia Nabarrete estará presente como atenta investigadora da psique humana, sem nunca ter abdicado da risada e da ironia para retratar de forma aguda o purgatório pelo qual passamos.

***Daniel Brazil** é escritor, autor do romance *Terno de Reis* (Penalux), roteirista e diretor de TV, crítico musical e literário.